Vol. III, N. 16 — pp. 229-236 25-VI-1943

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A BIOLOGIA DAS AVES E MAMÍFEROS SUL-AMERICANOS (1)

por
A. M. OLALLA

Sob o titulo acima, proponho-me a escrever uma série de artigos sobre a biologia das aves e mamíferos do Brasil, Venezuela, Colômbia, Ecuador (2), Perú e Bolívia, paises, cujos territórios em parte tenho percorrido em numerosas expedições zoológicas, a princípio comissionado por instituições estrangeiras, como o Museu Americano de História Natural de Nova York (1922-1931) e o Real Museu de História Natural de Estocolmo (1935-1939) e, ultimamente, como membro de várias excursões científicas empreendidas pelo Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, sob os auspicios do Sr. Dr. OLIVÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA PINTO, seu digno diretor.

Os quatro anos transcorridos entre 1931 e 1934, empreguei-os em viagens daquela natureza, realizadas por minha própria conta em territórios da Amazônia brasileira. As coleções nelas por mim feitas, foram em parte remetidas ao Museu de Estocolmo e ao Museu de Anatomia Comparada da Universidade de Harward, E. U. A.; mas o restante, em volume consideravelmente superior, foi adquirido pelo Departamento de Zoologia, acima mencionado.

Se me decido agora a publicar o resultado das observações de campo coligidas durante 21 anos de viagens quasi ininterruptas e extendidas da Cordilheira dos Andes às selvas amazônicas e outros setores do Brasil, é graças principalmente ao interesse demons-

(1) A tradução do original castelhano foi revista por Mário C. de Oliveira Pinto.
(2) Escrevo Ecuador com *c*, quando refiro-me à República, e Equador com *q*, ao fazer alusão à linha equatorial.

trado pelo diretor do Departamento de Zoologia, cuja curiosidade científica julgou ver nelas uma contribuição util aos que amam a Natureza, mas só raramente podem estudá-la na intimidade de seus segredos.

Não preciso acrescentar que estas notas não pretendem oferecer sempre aos naturalistas verdadeiras novidades; em todo caso, como fruto da própria experiência, poderão servir para completar as noções já adquiridas, acrescentando-lhes nova confirmação ou, eventualmente, corrigindo-as.

Ao Sr. Dr. OLIVÉRIO PINTO devo tambem a generosa hospitalidade concedida nas páginas dos Papéis Avulsos, publicação do estabelecimento de ciência que dirige e cuja indole parece harmonizar-se com a natureza destes artigos.

São Paulo, 26-2-43.

O AUTOR.

Família *COTINGIDAE*

Compreende a família 31 gêneros, com 167 formas, das quais no Brasil ocorrem 72, distribuidas em 25 gêneros.

* * *

Se excetuarmos certos gêneros aberrantes, que dificilmente se podem conservar no grupo (1), os membros desta família apresentam certas peculiaridades comuns e que, no campo, os distinguem

(1) A larga observação que tenho do regime e modo de vida das aves incluidas classicamente na família *Cotingidae*, leva-me à conclusão de dela deverão excluir-se muitos gêneros, entre os corretamente admitidos.

Assim é que, por exemplo, os membros dos gêneros *Iodopleura* e *Calyptura*, passarinhos de pequeno porte, que com aparente razão têm sido referidos tambem às vezes aos *Pipridae*, parece-me não ter nenhuma analogia com as famílias em questão, merecendo constituir talvez uma família aparte sob o nome de *Iodopleuridae*.

Por outro lado, os representantes dos gêneros *Attila* e *Rhytipterna*, que por seus caracteres exteriores e maneira de alimentar-se — já que são exclusivamente insetívoros — têm íntima analogia com os *Tyrannidae*, poderiam perfeitamente passar a fazer parte dessa família, sob pena de se continuar perpetrando grave erro, facil de se corrigir.

A este propósito, convem lembrar o exemplo do Dr. Hellmayr que, em 1922 separou da família *Cotingidae* os representantes do gênero *Rupicola*, formando para eles a bem caracterizada família *Rupicolidae*.

profundamente dos outros pássaros com que convivem. E' por exemplo, a quietude absoluta em que se mantêm quando pousados nos ramos, a ponto de se confundirem com as folhas e só poderem ser notados ao levantar o seu curto vôo, para pousar novamente, em idêntica atitude.

***

Há formas gigantes e notaveis, assim como há, tambem as que, anãs, passam desapercebidas.

Abrangem formas gigantes os gêneros *Cephalopterus, Pyroderus, Hematoderus* e *Gymnoderus;* os gêneros *Tijuca, Lipaugus, Tytira, Querula* e *Procnias* são representados por formas de porte mediano; finalmente, as espécies do gênero *Pachyramphus* contam-se entre as menores, abstração feita aos gêneros *Iodopleura* e *Calyptura* que, como vimos, merecem lugar aparte na classificação.

Entre as formas gigantes é manifesto o dimorfismo sexual, ao passo que nas de porte mediano é ele diminuto, ou de todo inexistente.

Os representantes dos gêneros *Cephalopterus, Perissocephalus, Gymnoderus* e *Procnias*, são notaveis pela sua estranha fisionomia. Nos indivíduos machos, adultos, do gênero *Cephalopterus* a cabeça é ornada de um topete alto e ereto, adorno semelhante a um garboso casquete azeviche; um apêndice cutâneo, cujas partes laterais e superiores são recobertas de penas normais, completam sua aristocrática figura, que não se pode contemplar sem admiração e enlevo.

Os gêneros *Perissocephalus* e *Gymnoderus* não possuem cada um mais que uma espécie. Ambas chamam a atenção: a primeira, porque tem a cabeça quasi toda nua e revestida de uma pele de côr escura e, a segunda, pelas dobras e rugas características que apresentam as partes laterais do pescoço, tambem nuas e de côr azul-cinzento, espessadas internamente por uma substância pituitária.

Entre as formas menores, a araponga *(Procnias nudicollis)* dos brasileiros do sueste do país, tem toda a garganta nua e de uma tonalidade verde-escuro. São pois evidentes os traços de semelhança que existem entre as espécies dos gêneros supra-citados.

***

Assim como existem, entre os *Cotingidae* formas extravagantes, pelo aspecto exterior, tambem outras há, cuja brilhante plumagem apresenta matizes excepcionalmente belos. No caso acham-se os representantes dos gêneros *Phoenicireus, Cotinga, Xipholena, Hematoderus* e *Procnias,* em cujas plumagens predominam as côres encarnado-vivo, preto-aveludado, azul-claro, roxo e branco. Ao lado destas pleiades aladas há as formas de plumagens multicores, como

por exemplo o serrano *Euchlornis arcuata* ou "esparragón" grande dos ecuatorianos, etc..

As plumagens pretas unicolores acham-se representadas pelas formas componentes do gênero *Cephalopterus* e individuos do sexo feminino da espécie *Querula purpurata*, ou seja o "garganta clavel" dos ecuatorianos, o "dáuan-dáuan" dos peruanos e o "anambé-una" dos brasileiros da Amazônia. Em contraste profundo com o brilho dos primeiros, a combinação de matizes dos segundos, e o meio lustro dos terceiros, a côr opaca da plumagem dos representantes do gênero *Lanioccra* e *Lipaugus*, pela sua vulgaridade, não é digna de prender a atenção. Até os seus nomes vulgares, quando os têm, exprimem tal fato. Assim é que o *Lipaugus fuscocinereus*, que ocorre nas cabeceiras da zona sub-tropical do leste dos Andes Colombianos e Ecuatorianos, é chamado pelos índios do Ecuador "fuyo pischco", nome quichua que significa pássaros de côr de fumo ou neblina.

***

Sendo pássaros exclusivamente arborícolas, os *Cotingidae* habitam indiferentemente, a mata bruta ou a copa dos arvoredos vizinhos às habitações humanas.

Dirigem-se sem demora para onde julgam encontrar frutas sazonadas, dir-se-ia que avisados por mensageiros misteriosos, quiçá a serviço do seu instinto de conservação. Estacionam nestas paragens durante todo o tempo da frutificação, frequentando diária e assiduamente os comedouros, por eles escolhidos. Quando termina aquela, vão-se tão rapidamente como chegaram, para, segundo dizem os índios Quijos do alto rio Napo ecuatoriano, só voltar no ano seguinte. Deriva dessa crença o nome quichua dado por eles ao *Gymnoderus foetidus*, a que chamam "huata paua", que corresponde em castelhano a "pava-añera" (jacú que aparece cada ano).

Acham-se distribuidos em todas as altitudes, desde os profundos vales até os escarpados declives andinos, onde começa a verse a mediocre vegetação, que medra ao pé dos ermos "pajonales" dos nevados perpétuos; certas formas, habitam os vales da hiléia verdejante e a vastidão das abrigadas orlas dos rios; outras, ainda, preferem os terrenos acidentados, como é o caso dos representantes dos gêneros *Heliochera*, *Tijuca*, *Ampelion*, algumas formas de *Euchlornis* e a espécie *Perissocephalus tricolor*.

Com exceção das espécies *Heliochera rubro-cristata*, *Doliornis sclateri* e o *Euchlornis arcuata*, que ocorrem entre os 3.000 e 3.500 metros de altura sobre o nivel do mar, as demais formas acham-se distribuidas entre as zonas tropicais ou quentes e as sub-tropicais de clima temperado e ameno.

Os verdadeiros cotingideos alimentam-se especialmente de frutas e insetos que capturam no ar, de preferência quando voam, imitando sob este respeito, particularmente os tiranídeos. Alguns, como o *Cephalopterus,* antes de engulirem a polpa das frutas, trituram-nas com o bico, jogando o caroço fora; outros, como os representantes do gênero *Euchlornis, Procnias,* etc., engolem-nas inteiras, para logo vomitar o caroço. Outros, enfim, engulindo as frutas inteiras, convertem-se, através dos excrementos que depositam a esmo, em semeadores gratuitos dos vegetais em que buscam o alimento, visto como a semente cuja polpa foi digerida não perde a propriedade germinativa.

Bebem a água dos rios, riachos e córregos que atravessam as matas ou serpeiam pelas capoeiras. Para tal, aos vôos curtos e leves, descem até o chão, acercam-se do liquido dando pequenos pulos, e, sorvendo-o com o bico, levantam a cabeça, inclinam-na um pouco para trás, para depois enguli-lo; esta operação a repetem até se saciarem, voando logo em seguida.

Nos mesmos depósitos de águas fluviais, em que bebem, costumam tomar seus prolongados banhos, encharcando as vezes de tal forma a plumagem que lhes fica dificil alçar o vôo. Tenho encontrado nesta situação vários componentes dos gêneros *Attila, Laniocera, Platypsaris, Querula* e *Gymnoderus.*

Todos os contingídeos, ao voar, seguem em linha reta, abrindo e cerrando as asas com ligeiros intervalos, movimentos esses a que correspondem outras tantas ondulações na trajetória.

***

O vôo de uma grande parte dos contingideos é curto e lento. Não obstante os de tamanho agigantado, apesar de, à primeira vista parecerem pesados, realmente não o são. Assim, enquanto as formas de porte mediano ou anão raro ultrapassam em seus curtos vôos a copa das árvores próximas, os *Cephalopterus,* e certamente tambem outros — atravessam, sem embaraço algum, rios largos como o Amazonas, quasi sempre a uma altura de cerca de 40 metros. No grupo de pássaros em apreço, merece destaque o *Gymnoderus* pela resistência admiravel que revela para voar. Reunidos em enormes bandos, por ocasião das excursões emigratórias, essas aves elevam-se até parecerem diminutos pontos negros no glauco do espaço infinito.

Ao contrário da maioria dos cotingídeos, os representantes dos gêneros *Cotinga, Xipholena* e *Tytira,* ao voar, produzem com auxílio das rêmiges, um ruido muito característico, semelhante a um

sibilo. Sob este aspecto se destacam as espécies *Cotinga maynana* e *Cotinga cotinga.*

***

Algumas formas de cotingídeos costumam, ordinariamente, viajar aos pares, formando imensos bandos; outras reunidas tambem aos casais, fazem-no em grupos que não excedem geralmente a meia dúzia de indivíduos; outras, ainda, aos casais isolados, mantêm impressionante solidariedade entre si; por último, algumas há que preferem peregrinar solitárias. Como exemplo do primeiro grupo apontarei os membros do gênero *Gymnoderus;* no segundo, os representantes dos gêneros *Heliochera, Tijuca, Euchlornis, Ampeloides, Tytira* e *Querula;* no terceiro, as espécies dos gêneros *Phoenicircus, Phibalura, Ampelion, Porphyrolaema, Carpodectes, Iodopleura, Laniisoma, Attila, Casiornis, Laniocera, Rhytipterna, Lipaugus, Pachyramphus, Platypsaris, Perissocephalus* e *Hematoderus;* e finalmente, entre os últimos, temos os representantes dos gêneros *Cotinga, Xipholena, Pyroderus, Cephalopterus* e *Procnias.*

Em pássaros de vida solitária como esses últimos, as fêmeas são mais faceis de se observar em achados casuais, ao passo que os machos, só nas ávores frutíferas podem ser encontrados com mais frequência. Por isso, não admira que as fêmeas sejam melhor representadas nas coleções zoológicas, do que os indivíduos do sexo oposto, pois é facil de compreender que, tanto para o caçador, como para o "field naturalist", seu encontro casual se torna muito mais provavel do que o dos machos, que para serem caçados faz-se necessário encontrar por sorte uma árvore frutífera.

Pelo que foi exposto concluimos que a sociabilidade entre esses pássaros é relativamente pequena, chegando a ser quasi nula em relação aos demais grupos de aves silvestres. Assim é que somente os representantes dos gêneros *Pachyramphus, Platypsaris* e, às vezes, os de *Iodopleura* e *Attila*, participam dos bandos em que os pássaros costumam se pôr a caminho diariamente, em busca de alimento.

De ordinário, quando o acaso reune várias formas da família numa árvore frutífera, tem-se a impressão de que todas elas viajam em grupos, dado o grande número de exemplares que se juntam; porem, se observarmos atentamente o que acontece, essa impressão se desvanece inteiramente. Chegam os pássaros uns atrás dos outros, e ali se reunem em grupos formados de indivíduos da mesma espécie, sem jamais se misturarem. Quando um membro de qualquer grupo levanta vôo e parte, seguem-no os demais de sua espécie, um a um, sem se preocupar com os membros de outros grupos, os quais, por sua vez, observam comportamento estritamente igual.

***

Todos os *Cotingidae* têm índole tímida e pacífica, havendo algumas espécies que conhecem a ira somente quando caem feridas pelos chumbos mortíferos do caçador, tentando, então defender-se por todos os meios. Neste caso podemos citar as formas gigantes, que gritam, bicam e arranham, quando são aprisionadas. Em compensação, as formas de tamanho mediano e anãs, deixam-se acabar de matar sem fazer siquer o mínimo gesto de defesa.

Têm perfeita noção dos lugares que lhes convem frequentar, como o prova a ordem em que chegam às árvores frutíferas, onde fazem as refeições. Os pássaros de um grupo específico não invadem os lugares ocupados por outros comensais e, como já anotei, os índios afirmam que várias espécies voltam anualmente a árvore e até o mesmo galho que lhes proporcionou tão magnífico e rico alimento.

Naturalmente, para poder verificar este suposto hábito atribuido pelos índios a tais pássaros, se faria necessário capturá-los vivos e fichá-los convenientemente em uma das patas.

* * *

Dentre os curiosos hábitos de certas formas de *Cotingidae*, parece-me inédito, aquele que, a semelhança de certos piprídeos, têm os representantes do gênero *Phoenicircus*, que ocorrem na amazônia do Ecuador, Perú e Brasil. Costumam essas aves reunir-se eventualmente em número de uma dezena de indivíduos machos, para aos primeiros pios convidativos de um deles, dando curtos e constantes vôos de um lugar a outro e ao som de suas vozes monossilábicas, realizar o que comumente nos piprídeos é conhecido por dança. Não se sabe donde aparecem tantos indivíduos machos que, absorvidos na sua dança, esquecem a normal desconfiança ante a presença do homem, tornando-se mansos e despreocupados, a ponto de se deixarem matar sucessivamente a tiros, até três indivíduos em cada grupo. Uma vez dispersados, seja pelo espanto que lhes causam as detonações das armas de fogo, seja por vontade própria, cada qual, num rápido vôo, desaparece por entre a vegetação arbustiva do interior da mata, para depois, a nova chamada, reunir-se em outro lugar.

Assim como os membros do gênero *Phoenicircus* têm uma certa analogia com os piprídeos na maneira de dançar, assim tambem os grandes pavós *(Pyroderus scutatus scutatus)*, à semelhança dos formosos representantes da família *Rupicolidae* (1), reunem-se de

(1) Estes pássaros, ao contrário do pavó, costumam reunir-se nos terrenos abruptos, cobertos de bosque e, de ordinário, junto a uma cachoeira.

manhãzinha e à tarde na solidão da mata, junto às margens dos rios, num grupo de 10 indivíduos ou mais do sexo masculino para, em vôos a pouca altura, atravessar, de momento a momento, curtas distâncias dentro de um limitado perímetro da floresta. Ficam depois imoveis, lançando seu cavernoso mugido a pequenos intervalos. Dormem à noite nestes lugares e ai vão-se reunindo depois das 16 horas mais ou menos, iniciando desde então a sua dança. No dia seguinte ao romper da aurora recomeçam a dita dança, que dura até às nove horas, aproximadamente. Em seguida dispersam-se os pavós, pela mata adentro, em procura de alimento.

Este traço inédito da biologia dos *Pyroderus s. scutatus*, observamo-lo, eu e o Dr. Oliveira Pinto, pela primeira vez, na margem direita do rio São José, Estado do Espirito Santo, Brasil, durante a última expedição zoológica do Departamento de Zoologia de São Paulo, em setembro de 1942. Para documentá-lo, seis lindos exemplares da magnifica ave foram abatidos, em duas ocasiões diferentes e no mesmo local. Segundo informou o sr. "Junga", nosso guia, incomparavel mateiro e insigne caçador, os naturais denominam "cema" a esta dança dos *Pyroderus*, a que chamam localmente de "pavôa". Tambem nos assegurou que nas margens do rio Dourado (três quilômetros ao norte do local onde nos achavamos acampados) havia outra "cema", onde, desde muitos anos atrás, costumava-se reunir maior número de "pavôas". Esta informação, infelizmente, não poude ser verificada por falta de tempo.

***

Todos os ninhos dos contingídeos, que conheço, encontrei localizados entre as forquilhas ou na ramagem das árvores da mata ou dos arbustos das capoeiras. Os materiais empregados consistiam em fragmentos de vegetais secos a que se ajuntavam às vezes, para forrar os fundos, ervas tenras e macias. São de forma redonda; alguns fundos, outros razos, sem contudo apresentarem, na sua estrutura geral, pormenores que chamem a atenção.

Entre os muitos ninhos de pássaros desta família, por mim desconhecidos, cito os pertencentes às formas do gênero *Procnias*. Todavia, em 1941, encontrei em Vila Sabino (oeste de São Paulo, Brasil), um natural do país, que tinha domesticado um exemplar macho de araponga *(Procnias nudicollis)*, informando-me tê-lo tirado juntamente com um outro, que morrera, do próprio ninho, situado dentro dum ôco de pau podre".

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15